

As reflexões de Sigmund Freud *Sobre a guerra e a morte* (1914-1915)

Rafael Dias de Castro

Mestre em História pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)
e doutorando em História das Ciências e da Saúde na Casa de Oswaldo
Cruz (Fiocruz).

castro_rd@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo principal deste artigo é analisar as primeiras impressões do fundador da psicanálise, Sigmund Freud, sobre o impacto causado pela eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914) na sociedade europeia. Vislumbrando seu testemunho através de cartas e principalmente através do texto *Sobre la guerra y la muerte*, escrito em 1915, percebemos em suas reflexões a surpresa inicial com os acontecimentos e as incertezas com relação ao futuro da humanidade. Analisando tais fontes e debatendo o contexto em questão, compreendemos que a principal conclusão de Freud foi que a civilização não havia descido a níveis morais e culturais tão baixos como se temia, porque simplesmente não havia se elevado a níveis tão altos quanto se acreditava.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial; Sigmund Freud; *Sobre la guerra y la muerte*.

Introdução

A Primeira Guerra Mundial abalou a crença no progresso sem a fazer desaparecer. Entretanto, como ressalta o historiador Eric Hobsbawm, esse evento pode ser considerado o marco do fim do mundo feito por e para a burguesia. Em seu *Era dos impérios* (1875-1914), Hobsbawm definiu esse período “pelo avanço da sociedade e do mundo burgue-

ses rumo ao que foi chamado de sua ‘morte estranha’, ao atingir seu apogeu, vítima justamente das contradições internas de seu avanço” (HOBSBAWM, 1988, p. 25).

A *era dos impérios* foi um tempo de paz que gerou um tempo de guerras mundiais sem paralelo. De fato, para Hobsbawm, o século XX não começaria de verdade até o final do conflito (1918), pois os anos iniciais do século não foram nada mais do que o prolongamento do século XIX. Por isso, segundo ele, descobrir as origens da Primeira Guerra Mundial não equivale a descobrir o agressor:

Ela repousa na natureza de uma situação internacional em processo de deterioração progressiva, que escapava cada vez mais ao controle dos governos. Gradualmente a Europa foi se dividindo em dois blocos opostos de grandes nações. Tais blocos, fora de uma guerra, eram novos em si mesmos e derivavam, essencialmente, do surgimento no cenário europeu de um Império Alemão unificado, constituído entre 1864 e 1871 por meio da diplomacia e da guerra, às custas dos outros, e procurava se proteger contra seu principal perdedor, a França, através de alianças em tempos de paz, que geraram contra-alianças. As alianças, em si, embora implicassem a possibilidade da guerra, não a tornavam nem certa nem mesmo provável (HOBSBAWM, 1988, p. 431).

Assim como Hobsbawm, acreditamos que o mecanismo que colocou a guerra em funcionamento andou tão lentamente que ficaria difícil identificar todos os motivos e características do conflito. Porém, é possível observar na *Era dos impérios*: enquanto a Europa burguesa, em crescente conforto material, rumava para a catástrofe, o estranho fenômeno de uma burguesia, ou pelo menos de parte significativa de sua juventude e de seus intelectuais, mergulhava de bom grado e até com entusiasmo no abismo. Entretanto, ninguém entendeu realmente que tipo de guerra seria, e quando, por fim, o mundo chegou à beira do abismo, os responsáveis pelas tomadas das decisões se lançaram a ele. Eis alguns exemplos demonstrados por Hobsbawm:

Todos conhecem o caso dos rapazes - antes de 1914 havia poucas provas relativas às perspectivas belicosas das moças - que saudaram a irrupção da Primeira Guerra Mundial como se fosse amor à primeira vista.

“Agora, graças sejam dadas a Deus, que nos colocou à altura de tal hora”, escreveu um socialista fabiano, normalmente racional e apóstolo de Cambridge, o poeta Rupert Brooke. “Só a guerra”, escreveu o futurista italiano Marinetti, “sabe rejuvenescer, acelerar e afiar a inteligência humana, alegrar e arejar os nervos, libertando-nos do peso do fardo cotidiano e dando sabor à vida e talento aos imbecis”. “Na vida dos acampamentos e debaixo do fogo”, escreveu um estudante francês, “...experimentamos a suprema expansão da força francesa que trazemos dentro de nós” (HOBSBAWM, 1988, p. 267-268).

Não faltaram, porém, intelectuais mais velhos que também saudaram a guerra com manifestos de regozijo e orgulho. Aliás, alguns deles viveram o bastante para lamentar. Durante os anos precedentes a 1914, foi com frequência observada à predominância em se rejeitar o ideal de paz, da razão e do progresso por outro de violência, instinto e explosão. Na contramão dessa tendência, Sigmund Freud tinha uma opinião sobre o modo como alguns intelectuais e cientistas estavam se empenhando para dar uma justificativa racional para a guerra. Em seu texto sobre a decepção gerada a partir da eclosão da guerra, Freud ressaltava que:

Parece-nos que jamais acontecimento algum aniquilou tantos bens e valores da Humanidade, ofuscou tantas das mais lúcidas inteligências, denegriu tão completamente o que existe de sublime. Até a ciência perdeu sua confortável imparcialidade; seus servidores, exasperados em seus íntimos, tratam de produzir e guarnecer armas para contribuir com a luta contra o inimigo. O antropólogo se vê obrigado a declarar inferior e degenerado o adversário; o psiquiatra, a anunciar o diagnóstico de suas anomalias mentais e psíquicas. Mas talvez nós sintamos com excessiva intensidade a maldade desta época e não tenhamos direito a compará-la com as calamidades de outros tempos que não conhecemos (FREUD, 1954, p. 221).

O historiador Modris Eksteins lembrou que as enormes demonstrações de sentimento público a favor da guerra também desempenharam um papel crucial na definição do destino da Europa em 1914. Os primeiros capítulos de seu livro foram dedicados a provar que as cenas de multidões chauvinistas em Berlim, São Petersburgo, Viena, Paris e Londres, nos últimos dias de julho e nos primeiros de ago-

to, impeliram os líderes políticos e militares da Europa ao confronto. Obviamente que existiram, segundo ele, manifestações contra a guerra, entretanto, eram rapidamente dispersadas. Resumindo tal situação, Eksteins afirmou:

O monarca e o governo não foram os únicos influenciados pelas efusões de sentimento público, mas virtualmente todas as forças da oposição também se deixaram arrastar pela corrente [...]. As multidões, de fato, tomaram a iniciativa política na Alemanha. A cautela foi jogada ao vento. O instante alcançou a supremacia. Horas, anos, na verdade séculos, foram reduzidos a momentos. A história se tornara vida (EKSTEINS, 1991, p. 91).

Esses historiadores mostram que se as nações suportaram o investimento da guerra, foi porque todas continham expectativas positivas. Expectativas de um mundo melhor, de uma nova etapa da civilização humana, que explicam o envolvimento de milhões de homens no conflito. Aliado a isso, a propaganda de guerra, a disciplina militar e o senso de pertencer a uma organização respondem pelo número reduzido de combatentes que desertaram ou se recusaram a cumprir ordens no *front* ¹.

Assim, em meio ao contexto da Grande Guerra de 1914, existia uma nação que não podia senão apostar sua existência no jogo militar, porque sem ele, parecia condenada:

a Áustria-Hungria, dilacerada desde meados da década de 1890 por problemas nacionais cada vez mais inadmissíveis, dos quais os dos eslavos do sul pareciam ser os mais recalcitrantes e perigosos” (HOBSBAWM, 1988, p. 445).

Numa época de nacionalismos extremados, o imperador habsburgo Francisco José mal conseguia administrar os interesses políticos que se colidiam ou situações de grupos étnicos hostis. Em âmbito europeu, também a paz só conseguia ser preservada através da sutil manipulação do equilíbrio de poder entre os Estados ou entre sistemas de alianças.

De tal modo que o fato considerado como o estopim da Primeira Grande Guerra foi o assassinato, cometido por jovens nacionalistas bósnio-sérvios, do arquiduque

¹ Cf. EKSTEINS, 1991, cap. 3 e 4.

habsburgo da Áustria-Hungria Francisco Ferdinando, em Sarajevo, em 28 de junho de 1914. Após o atentado, a Europa se viu em um equilíbrio instável, dividida em duas alianças: os Aliados (também chamados como Tríplice Aliança, Entente ou Tríplice Entente) - França, Grã-Bretanha e Rússia; e os Impérios Centrais (ou Potências Centrais) - Alemanha, Áustria-Hungria e Império Turco-Otomano.

Entretanto, o assassinato pode ser considerado somente o estopim, pois a morte do arquiduque e a de sua esposa deram aos austríacos o pretexto para invadir a Sérvia e a certeza de que teriam a proteção alemã. Na verdade, diversos estudos sobre esse evento histórico demonstraram que qualquer incidente poderia levar as grandes potências a um confronto².

Desde o final do século XIX, juntamente com os avanços tecnológicos e o contexto de esperança e otimismo da sociedade europeia, vieram também os avanços tecnológicos na área militar³. Houve o que podemos considerar como uma corrida armamentista que começou de maneira modesta no final da década de 1880 e se acelerou no século XX, em particular nos últimos anos antes da guerra.

Mas essa corrida armamentista, apesar de não ter levado as nações europeias diretamente à guerra, favoreceu indiretamente a eclosão de tal conflito, principalmente devido à conjuntura internacional, pois as rivalidades imperialistas contribuíram para que a indústria bélica se desenvolvesse consideravelmente. Ou seja: a corrida armamentista e as rivalidades imperialistas, dentro de um contexto ideológico favorável de confronto entre duas culturas opostas (a civilização anglo-francesa em contraponto à *kultur* germânica), podem ser consideradas como o conjunto de causas que favoreceram a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

² Cf. HOBSBAWM, 1988; BARRACLOUGH, 1987; SEVCENKO, 2001.

³ A definição de Sevcenko a respeito da eclosão deste primeiro conflito mundial pode nos ilustrar claramente a relação entre a guerra e o desenvolvimento tecnológico: “e então, num repente inesperado, veio o mergulho no vácuo, o espasmo caótico e destrutivo, o horror engolfou a história: a irrupção da Grande Guerra descortinou um cenário que ninguém jamais previra. Graças aos novos recursos tecnológicos produziu-se um efeito de destruição em massa; nunca tantos morreram tão rapidamente e tão atrozmente em tão pouco tempo” (SEVCENKO, 1987, p. 16).

A primeira reação de Freud sobre tal acontecimento se deu através de uma carta endereçada à Sándor Ferenczi (1873-1933) no mesmo dia do assassinato do referido arquiduque. Freud começa assim seu texto:

Escrevo sob o choque do surpreendente assassinato em Sarajevo, cujas conseqüências são totalmente imprevisíveis. Quer me parecer que a questão aqui vai além de meros motivos pessoais. E agora, às nossas questões. Acho que é muito rígido com Jones...!” (FREUD, 1995, p. 296-297).

Como o próprio Freud demonstrou, ainda era muito cedo para perceber o que o ato do jovem nacionalista sérvio Gravilo Princip iria causar, sendo que as questões referentes ao desenvolvimento da psicanálise ainda pareciam, a seu ver, mais imediatas⁴.

Quando a Áustria declarou guerra contra os sérvios em 26 de julho daquele ano, a medida foi recebida muito positivamente pelos austríacos. Estavam contentes que a Áustria tivesse decidido agir e se defender. Freud fora igualmente acometido por esse acesso de “patriotismo”, reflexo da luta ideológica pela hegemonia cultural da Europa⁵. Seu “patriotismo” foi demonstrado numa carta endereçada à seu amigo Karl Abraham (1877-1925), na qual Freud saudava a atitude austríaca em relação à Sérvia como uma postura corajosa.

Se a guerra permanecer localizada nos Bálcãs, muito bem. Mas os russos são imprevisíveis. Todavia, pela primeira vez em trinta anos, sinto-me um austríaco e me sinto como a dar a este império não muito esperançoso uma outra oportunidade. O moral, em toda parte, é excelente. Também o efeito liberatório da ação corajosa e o vigoroso amparo da Alemanha contribuem em grande parte para isso. As ações sintomáticas mais genuínas são vistas em cada um de nós (FREUD⁶, 1914 *apud* SHUR, 1981, p. 354).

Entretanto, o entusiasmo “patriótico” de Freud com o advento da guerra logo começaria a diminuir, pois a guerra chegaria à sua casa desde o início. Seus três filhos ti-

⁴ Não foi somente Freud que observou tal ato de forma pouco intensa, pois obviamente não era possível prever o que se passaria nos anos subsequentes. Ekstein cita a passagem do diário de Franz Kafka referente a 2 de agosto de 1914: “A Alemanha declarou guerra à Rússia – natação à tarde” (KAFKA, 1965 *apud* EKSTEIN, 1991, p. 81).

⁵ Cf. CASTRO, 2010.

⁶ Carta de Freud à Abraham, datada de 26 de julho de 1914.

nham participado em combates (dois deles em diversos), e a eclosão das hostilidades arruinou sua atividade clínica, pois os pacientes em potencial ou haviam sido recrutados para o serviço militar ou estavam pensando mais na guerra do que em suas neuroses ⁷.

Segundo um de seus maiores biógrafos, o psicanalista inglês Ernest Jones (1879-1958), outro fator que provocou a alteração nos sentimentos de Freud foi seu desprezo pela incompetência que sua pátria, recentemente adotada, estava demonstrando na campanha contra os sérvios. O fato de ser detida e até derrotada por esse mesmo povo que se dispusera a aniquilar mostrava, mais uma vez, o caso perdido que era tal pátria de adoção: “Restava, afinal, a esperança de que a Alemanha, o irmão mais poderoso, viesse salvá-los, e daí por diante essa foi realmente a única esperança” (JONES, 1970, p. 507).

Alguns meses depois, em 25 de novembro de 1914, Freud escrevia a Lou Andreas-Salomé (1861-1937), prenunciando muitos de seus escritos posteriores:

Não duvido que a humanidade se recuperará desta guerra, mas sei com segurança que eu e meus compatriotas nunca mais haveremos de viver num mundo alegre como aquele em que vivíamos. Tudo isto é muito repelente. E a coisa mais triste de todas está em que tudo isso é exatamente aquilo que a psicanálise esperava do homem e do seu comportamento. Por causa dessa atitude em relação às pessoas, nunca pude concordar com você quanto ao seu jovial otimismo. Minha conclusão secreta era esta: dado que podemos tomar a mais alta civilização hodierna como contaminada por uma gigantesca hipocrisia tão somente, estamos organicamente incapacitados para essa civilização. Temos de abdicar; o Grande Desconhecido, pessoa ou fato, sorrateiramente por detrás do Destino repetirá algum dia essa experiência com uma outra espécie de raça (FREUD⁸, 1914 *apud* SHUR, 1981, p. 358).

O que a “grande guerra” havia conseguido, na opinião de Freud, era mostrar claramente a inaptidão do “animal

⁷ Na introdução de seu livro sobre a metapsicologia freudiana, Garcia-Roza (1995) afirma que, devido à eclosão da guerra, em certo momento Freud estava reduzido a apenas um cliente, se vendo num intenso ócio.

⁸ Carta de Freud a Lou Andreas-Salomé, em 25 de novembro de 1914.

humano” para a civilização. Segundo ele, a guerra retirou de todos a ilusão de que a humanidade era originalmente boa. Por isso, a conclusão de Freud apontou para o fato de que “os homens não haviam caído tão baixo como temíamos, porque não haviam subido tão alto como acreditávamos” (FREUD, 1954, p. 230). Eis o ponto principal de suas primeiras reflexões sobre a guerra e a morte.

Reflexões *Sobre a guerra e a morte* (1915)

O texto de Freud *Sobre la guerra y la muerte* foi escrito em 1915, seis meses após o deflagrar da Primeira Guerra Mundial. Ele possui dois ensaios: um intitulado *La decepción de la guerra*, no qual Freud discute a aflição mental sentida pelos não-combatentes, e o segundo intitulado *Nuestra actitud ante la muerte*, em que discute como a guerra modificou a atitude dos homens diante da morte. A posição de Freud nesse ensaio, como já dito, foi distinta da celebração da morte e da guerra feita por vários intelectuais alemães. Do nosso ponto de vista, esse foi um depoimento bastante realista sobre o conflito.

Nesse ensaio, Freud julgou que as guerras jamais poderiam cessar enquanto as nações vivessem sob condições tão amplamente diferentes, enquanto o valor da vida individual fosse tão diversamente apreciado entre elas e enquanto as animosidades que as dividiam representassem forças motrizes tão poderosas na mente. A situação que Freud supunha existir na sociedade de sua época, em relação às guerras, era a de que:

Estávamos dispostos a aceitar que a Humanidade seria assolada durante muito tempo por guerras entre povos primitivos e civilizados, entre as raças humanas que se distinguem pela cor da pele, e até por conflitos entre os povos pouco ou nada evoluídos da Europa. Mas, no entanto, abrigávamos esperanças contrárias a tal situação. Esperávamos que as grandes nações de raça branca, dominadoras do mundo, nas quais recaía a condução da espécie humana, que sabíamos estarem dedicadas aos interesses mundiais, cujas criações representam os pro-

gressos técnicos e científicos no domínio da natureza e os maiores valores artísticos e científicos da cultura; destes povos, pois, esperávamos que solucionassem mediante outros recursos suas diferenças e conflitos de interesses (FREUD, 1954, p. 222).

A afirmação de Freud faz referência direta aos países beligerantes e suas culturas. Freud parecia reproduzir a luta ideológica de seu tempo, não mais entre o par antitético civilização / *kultur* - pois como ele próprio afirmou, se recusava distinguir os dois⁹ - mas a partir do ideal preconizado por tais civilizações europeias em relação a outros povos cujas culturas não eram supostamente tão ricas ou conhecidas quanto às deles. Entretanto, o motivo dessa afirmação era evidenciar que a Primeira Guerra Mundial mostrou as bases pouco sólidas que sustentavam a civilização moderna e a concepção de humanidade vigente até então.

A guerra, para Freud, iluminava as sedimentações sucessivas depositadas pela cultura no homem, fazendo reaparecer o homem primitivo que existia em cada um. Se a sociedade da *Belle Époque* acreditava ter atingido o ápice do desenvolvimento humano e cultural de toda a história da humanidade, a guerra veio demonstrar quão ilusória era a situação, pois, segundo Freud, a psique do homem moderno não era tão diferente daquela do homem primitivo. Ou seja, a guerra mostrou que o sujeito moderno e o selvagem podem ser igualmente cruéis, bárbaros e malignos.

O que acontecia, de acordo com Freud, era que dentro de cada uma das nações modernas, elevadas normas de conduta moral haviam sido formuladas para o indivíduo, às quais sua maneira de vida devia conformar-se, se ele desejasse participar de uma comunidade civilizada. Esses ditames, não raro demasiado rigorosos, exigiam muito deles - uma grande dose de autodomínio, de renúncia à satisfação das pulsões. Por isso, para Freud, tal cultura somente poderia existir ao preço da perda da felicidade, pois a única dimensão na qual é dado ao homem realizar-se é a individual, e não a coletiva e anônima das conquistas progressivas da humanidade.

⁹ Cf. FREUD, 1996b, p. 16.

Segundo Freud, a fruição da cultura era perturbada de tempos em tempos por vozes de advertência que declaravam que antigas divergências tornavam as guerras inevitáveis, inclusive entre os membros da comunidade por ele descrita. Entretanto, a desilusão a que Freud se referia em seu texto era baseada na suposição de que tal guerra se limitaria a um embate somente entre os militares e os combatentes. Sua ilusão era que haveria sempre

as maiores considerações para com aquela parte da população que não intervém na guerra, pelas mulheres que não tomam parte na atividade guerreira e para com as crianças que, uma vez crescidas, haveriam de se converter em amigos e colaboradores de ambas as partes. Finalmente, com o respeito por todas as empresas e instituições internacionais que haviam encarnado a comunidade cultural das épocas pacíficas (FREUD, 1996a, p. 224).

Dessa forma, ele ressaltava que mesmo uma guerra como esta produziria bastante terror e sofrimento, mas não teria interrompido o desenvolvimento de relações éticas entre os componentes coletivos da humanidade, ou seja, os povos e os Estados. Entretanto, a “grande guerra” (1914) faz cessar uma época em que se acreditava no otimismo do progresso e numa paz duradoura. A situação era bem complexa:

Esta guerra, na qual não queríamos acreditar, irrompeu enfim e produziu... uma decepção! Não só é mais sangrenta e mortífera que qualquer das guerras passadas, devido às armas de ataque e de defesa aperfeiçoadas, mas também é tão cruel, encarniçada e implacável como qualquer outra guerra. Passa por cima de todas as restrições a que nos havíamos comprometido em épocas pacíficas, e que havíamos compreendido através do direito internacional. Não respeita as prerrogativas dos feridos e nem dos médicos; não aceita distinguir entre os membros pacíficos e os combatentes da população; nega os direitos da propriedade privada; destrói com cego furor tudo que encontra em seu caminho, como se depois dela se excluísse todos os laços de solidariedade entre os povos combatentes e ameaça deixar um legado que impedirá por muito tempo o restabelecimento daqueles vínculos (FREUD, 1996a, p. 224).

O mais impressionante era o fato de as nações civilizadas se conhecerem e se compreenderem tão pouco, a ponto

de terem se lançado umas contra as outras com ódio e asco. Isso se deu porque os povos são mais ou menos representados pelos Estados que formam, e esses Estados pelos governos que os dirigem. Para Freud, nessa guerra, o cidadão individual pode, com horror, convencer-se de que o Estado proíbe ao indivíduo a prática do mal, não porque deseje aboli-lo, mas porque deseja monopolizá-la, tal como o sal e o fumo:

O Estado exige de seus cidadãos o máximo de obediência e sacrifício, mas ao mesmo tempo os sujeita a uma ocultação e censura de sua expressão a qualquer movimento desfavorável e a todo rumor inconstante. O Estado se considera livre de todos os seguros e contratos que havia se comprometido frente a outros Estados; professa sem restrições sua ambição e sua tendência de poder, que o indivíduo se vê obrigado a ocultar em nome do patriotismo (FREUD, 1996a, p. 225).

Por isso, de acordo com Freud, a desilusão que a guerra despertara advinha principalmente da baixa moralidade revelada externamente pelos Estados que, em suas relações internas, se intitulavam guardiões dos padrões morais, e a brutalidade demonstrada por indivíduos que, enquanto participantes da mais alta cultura, não se julgariam capazes de tal comportamento.

Assim, diante da perplexidade e da desrazão presentes nessa guerra, Freud advertiu que surgiriam respostas sobre o processo de desenvolvimento da espécie humana, presumindo que esse desenvolvimento consistiria em erradicar as tendências humanas más desses indivíduos e, sob a influência da educação e de um ambiente civilizado, substituí-las por boas. Entretanto, aceitando a destruição e a violência como realidades do psiquismo, Freud chega à conclusão de que:

Esta resposta contém precisamente a afirmação que pretendemos contradizer. Na realidade não existe tal “extirpação” do mal. A investigação psicológica – no sentido mais estrito, a psicanalítica – nos ensina, pelo contrário, que a essência mais profunda do homem está formada por impulsos pulsionais, elementares, similares em todos os seres e propensa a satisfação de determinadas necessidades primordi-

ais. Estes impulsos não são, em si, nem bons nem maus (FREUD, 1996a, p. 226).

A hipótese de Freud sugeriu que a cultura foi alcançada através da renúncia pulsional, exigindo ela, por sua vez, a mesma renúncia de cada novo membro participante de tal sociedade. Desse modo, Freud irá ressaltar as maneiras como os indivíduos lidam com as restrições a que são submetidos pela cultura, e que estas incessantes supressões das pulsões e a tensão resultante disso geram os mais notáveis fenômenos de reação e compensação. Por exemplo, o que Freud chama de hipócritas culturais: aqueles que agem continuamente em conformidade com preceitos que não são a expressão de suas inclinações pulsionais e estão, psicologicamente falando, vivendo acima de seus meios, podendo ser objetivamente descritos como hipócritas, estejam ou não claramente cômicos dessa incongruência.

É inegável que nossa atual cultura favorece num grau extraordinário a aparição desta classe de hipocrisia. Poderíamos chegar a afirmar que sua própria existência se baseia sobre semelhante engano e que haveria de sofrer profundas reformas se os homens resolvessem viver de acordo com sua verdade psicológica. De modo que existe um número incomparavelmente maior de hipócritas culturais do que de seres realmente culturais, e até poderia se discutir o ponto de vista segundo o qual certa medida desta hipocrisia seria imprescindível para manter a cultura, porque a atitude cultural organizada que possuem os homens atuais talvez não bastaria para o rendimento que a sociedade lhes exige. Por outro lado, a manutenção da cultura, mesmo sob uma base tão precária, oferece a perspectiva de que cada geração vindoura sofrerá uma nova transformação das pulsões, estabelecendo assim o fundamento de uma cultura melhor (FREUD, 1996a, p. 230).

Consequentemente, a conclusão de Freud foi que a desilusão em virtude do comportamento incivilizado dos concidadãos do mundo durante a guerra foi injustificada. Ao procurar compreender seus contemporâneos, Freud observou que suportaria com maior facilidade o desapontamento que as nações e os indivíduos estavam causando se as exigências em relação a eles fossem mais modestas. O que a guerra conseguiu, afinal, foi estimular os cidadãos a

se afastarem momentaneamente da constante pressão da cultura e a concederem uma satisfação temporária às pulsões que vinham mantendo sobre pressão.

A transformação pulsional sobre a qual se baseia nossa atitude cultural pode ser anulada – permanentemente ou momentaneamente – pelas influências da vida. Sem dúvida alguma, as influências da guerra formam parte das instâncias capazes de produzir semelhante involução, de modo que não teremos direito a negar atitude cultural a todos os que na atualidade se conduzem incultamente; pelo contrário, podemos esperar que o enobrecimento de suas pulsões se restabelecerá em épocas mais tranquilas (FREUD, 1996a, p. 232).

O segundo ponto discutido por Freud em seu texto diz respeito à morte e à nova atitude que as pessoas tomavam diante dela. Para Freud, antes da eclosão da guerra, a atitude diante da morte era vista como resultado automático da vida, ou seja, era vista como natural, inegável e inevitável. Entretanto, essa atitude jamais havia sido franca e sincera. Para ele, revelavam-se tendências inegáveis para se por a morte de lado, para eliminá-la da vida. Um exemplo citado diz respeito à atitude diante de nossa própria morte, pois seria impossível imaginá-la, e sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presentes como espectadores:

Assim, a escola psicanalítica pode atrever-se a declarar que na realidade ninguém crê em sua própria morte, o que, em outras palavras, significa que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade” (FREUD, 1996a, p. 234).

Desse modo, para Freud, é evidente que a guerra está fadada a varrer esse tratamento convencional da morte. Ela não mais será negada, pois somos forçados a acreditar nela. Afinal, na guerra se tem a noção exata de que as pessoas realmente morrem e não mais uma a uma, porém muitas, dezenas de milhares num único dia. Para ele, a morte não é mais um acontecimento fortuito.

Seguramente segue parecendo casual que uma bala mate a um e respeite a outro, mas o sobrevivente pode ser ferido facilmente por uma segunda bala, de modo que a multiplicação das possibilidades ani-

quila a impressão do casual. Por certo, a vida voltou a ser interessante, recuperou todo seu conteúdo (FREUD, 1996a, p. 236).

Freud relembra, entretanto, que com o surgimento dos primeiros mandamentos éticos, aconteceu a primeira e mais importante proibição: “Não matarás”. Esse mandamento, segundo ele, surgiu em relação a pessoas mortas que eram amadas, como uma reação contra a satisfação do ódio que se ocultava sob o pesar, estendendo-se gradativamente a estranhos que não eram amados e finalmente até mesmo a inimigos. Porém, essa extensão final do mandamento já não era experimentada pelo homem civilizado:

Uma vez que esta sangrenta guerra chegar a uma decisão, cada um dos combatentes vitoriosos voltará contente a sua pátria, junto a sua mulher e seus filhos, sem sentir-se perturbado ou molestado pela recordação dos inimigos que matou na luta corpo a corpo ou mediante armas de ação à distância (FREUD, 1996a, p. 240).

De acordo com Freud, tal mandamento só fortalece o ponto de vista oposto. Uma proibição dessa amplitude só pode, segundo ele, ser dirigida contra um impulso igualmente poderoso, pois o que nenhuma alma humana deseja não precisa de punição. Em suma:

Precisamente a acentuação do mandamento: “Não matarás”, nos demonstra com segurança que descendemos de uma interminável série de gerações de homicidas, em cujo sangue se encontra o desejo de matar, que talvez também se encontre em nós. As aspirações éticas da humanidade, cuja força e importância não é necessário menosprezar, são aquisições ganhadas no curso da história humana; desde então se tornaram, infelizmente em grau muito variável, em bens herdados da humanidade atual (FREUD, 1996a, p. 241).

Freud afirma, enfim, que nosso inconsciente é tão inacessível à ideia de nossa própria morte, tão inclinado ao assassinato em relação a estranhos, tão dividido para com aqueles que amamos, como era o do homem primevo (primitivo). Assim, para ele, é fácil ver como a guerra se choca com a dicotomia civilização x primitivismo, pois ela nos despoja dos acréscimos ulteriores da civilização e põe a “nu”

o homem primitivo que existe em cada um de nós.

Neste texto, enfim, fica claro que para Freud, a Primeira Guerra Mundial não somente quebrou o otimismo e as expectativas positivas da civilização anglo-francesa e da *kultur* germânica, como também demonstrou que a agressão fazia parte do caráter inconsciente e natural dos homens.

O fator pedagógico da coerção exterior, no sentido da moralidade, que temos encontrado com tal potência no indivíduo, apenas é demonstrável nos povos. Havíamos abrigado a esperança de que a soberba comunidade de interesse, produto do comércio e da produção, fosse o principal meio desta coerção ética, mas parece que atualmente os povos obedecem muito mais a suas paixões que a seus interesses (FREUD, 1996a, p. 233).

Como conclusão de seu texto, Freud propõe que lembremos um velho ditado: “Si vis pacem, para bellum” (Se queres paz, prepara-te para a guerra). Para ele, “estaria mais de acordo com nosso tempo se o modificássemos assim: *Si vis vitam, para mortem*. ‘Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte’” (FREUD, 1996a, p. 244).

Considerações finais

Numa carta a Karl Abraham, escrita em 04 de maio de 1915, Freud informava ter concluído alguns trabalhos sobre a teoria psicanalítica (*Artigos sobre metapsicologia*), e acrescentava no final da carta:

Mostramos, todos nós, uma inesperada adaptabilidade à guerra, com o resultado de que também nós podemos afirmar que vamos indo bem. A maior de todas as surpresas para mim é a minha capacidade de não sentir falta da minha clínica e dos meus honorários (FREUD¹⁰, 1915 *apud* SHUR, 1981, p. 369).

Como já dissemos, devido à guerra, Freud praticamente não atendia em sua clínica, ganhando tempo para produzir importantes contribuições teóricas para o campo psicanalítico¹¹. Ao mesmo tempo, num texto escrito em 1915, publicado em 1916, ele refletiu sobre uma questão intima-

¹⁰ Carta de Freud a Abraham, em quatro de maio de 1915.

mente ligada à guerra e às atitudes psíquicas do sujeito: o valor da transitoriedade.

Freud, descrevendo um passeio com amigos em um dia de verão no ano anterior à guerra (1913), relata que um deles admirava a beleza da paisagem, mas não extraía disso qualquer alegria. Para ele, o que estava perturbando essa pessoa era o pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção, como toda beleza e esplendor que os homens criaram ou poderiam criar. Parecia que, pelo fato daquela beleza estar fadada à transitoriedade, estava despojada de seu valor. Entretanto, para Freud, era incompreensível que a transitoriedade da beleza interferisse na alegria que dela derivamos.

Essas considerações que pareceram incontestáveis para Freud não causaram nenhum impacto em seus amigos. Porém, pouco depois, Freud acreditava ter descoberto o motivo:

O que lhes estragou a fruição da beleza deve ter sido uma revolta em suas mentes contra o luto. A idéia de que toda essa beleza era transitória comunicou a esses dois espíritos sensíveis uma antecipação de luto pela morte dessa mesma beleza; e, como a mente instintivamente recua de algo que é penoso, sentiram que em sua fruição de beleza interferiam pensamentos sobre sua transitoriedade (FREUD, 1996a, p. 346).

Isso aconteceu em 1913. Quando a guerra irrompeu, o sentimento de que tudo era transitório voltou, mas com maior intensidade. Para Freud, o conflito subtraiu o mundo de todas as suas belezas.

Não só destruiu a beleza dos campos que atravessava e as obras de arte que encontrava em seu caminho, como também destroçou nosso orgulho pelas realizações de nossa civilização, nossa admiração por numerosos filósofos e artistas, e nossas esperanças quanto a um triunfo final sobre as divergências entre as nações e as raças. Maculou a elevada imparcialidade da nossa ciência, revelou [nossas pulsões] em toda a sua nudez e soltou de dentro de nós os maus espíritos que julgávamos terem sido

¹¹ Segundo Joel Birman e Garcia-Roza, nos *Artigos metapsicológicos de Freud*, mais precisamente no texto *As pulsões e seus destinos*, o conceito de pulsão passa a ocupar o lugar estratégico de conceito fundamental da psicanálise em detrimento do conceito de inconsciente, que passa a figurar como derivado daquele conceito (BIRMAN, 2005; GARCIA-ROZA, 1995).

domados para sempre, por séculos de ininterrupta educação pelas mais nobres mentes. Amesquinhou mais uma vez nosso país e tornou o resto do mundo bastante remoto. Roubou-nos do muito que amáramos e mostrou-nos quão efêmeras eram inúmeras coisas que considerávamos imutáveis (FREUD, 1996a, p. 347).

Esse depoimento, que parece demonstrar uma atitude pessimista de Freud perante a guerra, seria amenizado poucas linhas depois. Como vimos no texto *Sobre la guerra y la muerte*, Freud afirmava que o restabelecimento da ordem poderia vir acompanhado de um enobrecimento das pulsões do homem, que aprenderiam a viver segundo suas verdades psicológicas. Aqui, Freud iria assegurar que o luto, por mais doloroso que fosse, chegaria a um fim espontâneo:

Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos a civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes (FREUD, 1996a, p. 348).

Talvez. Se a guerra não corroborasse com as expectativas nem da *kultur* alemã e nem da civilização anglo-francesa¹², ela poderia oferecer para o homem um ambiente inédito onde ele conviveria harmonicamente com sua verdade psicológica e seu comprometimento de permanecer em sociedade.

Porém, como Freud disse em 1915, ele sustentava que existiam muitos hipócritas culturais, e a adaptação entre o homem e a cultura se tornava cada vez mais difícil. Numa carta a Eduardo Hitschmann (1871-1957), no dia 07 de maio de 1916, Freud assumia seu pessimismo em relação aos homens:

Queira aceitar meus sinceros agradecimentos pelas suas palavras de estima e dedicação que compensam de sobra minha habitual decepção com os seres humanos. Não estou amargo e sei que não tenho razão para sê-lo; sou grato por todas as boas coisas que me ocorreram (FREUD, 1982, p. 364)¹³.

Mesmo com a eclosão da guerra (1914) e a demonstra-

¹² Cf. CASTRO, 2010, cap. 2.

¹³ Carta de Freud a Eduardo Hitschman, em 07 de maio de 1916.

ção do que os homens eram capazes, Freud não se espantou, afirmando já esperar que as pulsões agressivas, que eles mantinham sob pressão, um dia fossem se manifestar. Obviamente, ele indicava que a orientação dessas pulsões poderia levar a outro caminho que não o tomado. Pouco depois, ainda nos tempos da guerra (1915), acreditava que o restabelecimento da cultura poderia ser retomado em solo mais firme e de forma mais duradoura que antes. Ilusão essa abandonada ainda durante a guerra. Quinze anos após a eclosão da guerra (1929), Freud escreveria *O mal-estar na civilização*, manifestando pouca confiança no desenvolvimento de alianças entre o homem e a cultura.

Referências

- BARRACLOUGH, G. *Introdução à história contemporânea*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- BIRMAN, J. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(Suplemento), p. 203-224, 2005.
- CASTRO, R. D. *A historicidade do pensamento freudiano: a questão da felicidade numa civilização sob os efeitos da guerra (1914-1932)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei.
- EKSTEINS, M. *A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- FREUD, S. (1915) Sobre la guerra y la muerte. [Zeitgemaesses Ueber Krieg Und Tod] In: ____ *Sigmund Freud, obras completas*. Santiago: Rueda Editor, 1954. Volume XVIII: Psicoanálisis aplicado.
- ____. *Correspondências de amor e outras cartas*. Edição preparada por Ernst Freud. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- ____. *Sigmund Freud e Sándor Ferenczi: correspondências*. Editado por Ernst Falzeder, Eva Brabant e Patrizia Gianspieri. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- ____. (1916[1915]) Sobre a transitoriedade. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. (1927) O futuro de uma ilusão. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

_____. (1929) O mal-estar na civilização. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, v. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. (Coleção Artigos de metapsicologia, 1914-1917)

HOBSBAWM, E. *A era dos impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*, v. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1970.

KAFKA, F. *The diaries of Franz Kafka*, 1910-1923. Harmondsworth, Schocken Classics, 1965.

SEVCENKO, G. *Introdução à história contemporânea*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SEVCENKO, N. *A corrida para o século XXI. No loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHUR, M. *Freud: vida e agonia*. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

Sigmund Freud's reflections *About war and death* (1914-1915)

Abstract

The main aim of this article is to analyze the first impressions of the psychoanalysis founder, Sigmund Freud, about the impact caused by the emergence of the First World War (1914) in the European society. Observing his testimony through letters, and mainly through the text “*Sobre la guerra y la muerte*”, written in 1915, we notice in his reflections an initial surprise caused by the facts and uncertainties in relation to the humanity future. By analyzing such sources and debating the context in question, we understand that Freud's main conclusion was that the civilization had not gone in moral and cultural low levels as it was feared, simply because they had not risen to such elevated levels as it was believed.

Keywords: First World War; Sigmund Freud; *Sobre la guerra y la muerte*.

Artigo recebido em: 27/12/10

Aprovado para publicação em: 15/01/11